

**Cinquenta anos
de
Brasil**

Cinqüenta anos de Brasil

Epítome

da história de oito salesianos,

que, desde 1933,

a Providência escolheu

para trabalharem

na inspetoria salesiana

de Santo Afonso Maria de Ligório.

1933 - 21 de novembro - 1983

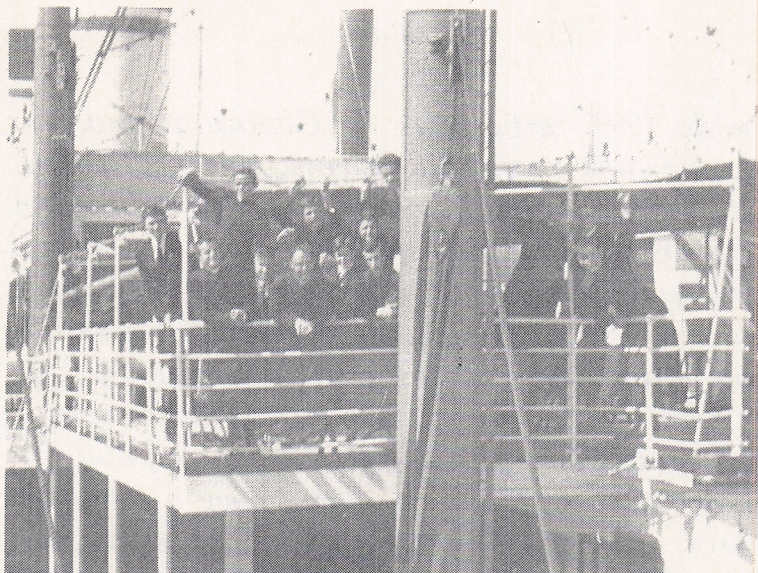


Novembro de 1933 - Salesianos e noviços a bordo do “Augustus”, destinado ao Brasil e à Argentina. Ao lado esquerdo do capelão de bordo, sentados, o P. Blandino e o Cl. Scribante. À direita, o P. Giannini, missionário de regresso à Argentina, chefe da expedição. Atrás do capelão, Miguel Alagna, atual bispo do Rio Negro, AM.

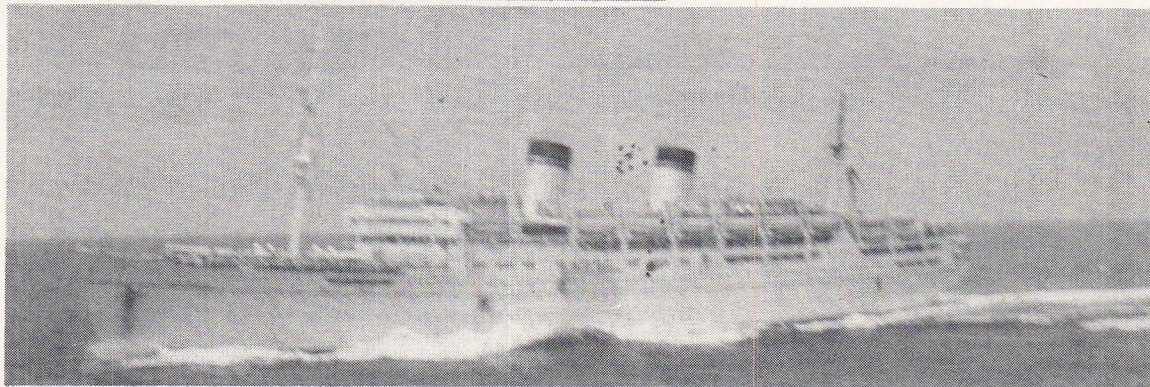
Em 9 de novembro de 1933, zarpávamos de Gênova a bordo do transatlântico Augustus, da marinha mercantil italiana, rumo ao Brasil. Viajávamos na segunda classe especial, quase primeira, com as mordomias a ela inerentes: amplos e luxuosos salões de estar, sala de música, piscina e cinema (estes dois a nós interditados...), áreas de lazer nas pontes, restaurante com vinhos e iguarias 'à la carte'. No molhe, que se afastava, pessoas caras acenavam com lenços, numa última despedida. Estavam lá minha mãe, que nunca mais tornaria a ver, com uma de minhas tias; P. Aristide Manfrino, com a senhora sua mãe, diretor do Primeiro Oratório Festivo de Valdocco, que me encaminhara ao aspirantado Card. Cagliero de Ivreia; o coadjutor Aprili, encarregado de embarcar as levas de missionários; outras pessoas cujos nomes e fisionomias apagaram-se de minha memória.

A história da Missão Salesiana de Mato Grosso pôde e pode apresentar três varões que a fizeram: Dom Luís Lasagna, Dom Antônio Malan, Padre Ernesto Carletti.

Dom Luís Lasagna aportou a Cuiabá no dia 18 de junho de 1894, com seis salesianos. Esses pioneiros merecem lembrados. Foram os padres Antônio Malan, francês, nascido na Itália; João Balzola e José Solari, italianos; Artur Castells, uruguaio, acompanhados do clérigo Agostinho Colli, italiano, e do coadjutor João Batista Rufier, francês. Dom Lasagna, 'solicitado alhures pelas múltiplas funções de seu cargo', falecia vítima de desastre ferroviário, em 6 de novembro de 1895, na cidade de Juiz de Fora, MG. Sucumbia na plena atividade de seus 45 anos, transcorrido pouco mais de um ano da solene instalação da Obra de Bom Bosco em nosso Estado.



Momentos de descontração numa das pontes do “Augustus”, depois das aulas de português ministradas pelo P. Blandino. Nosso texto era o Boletim Português, editado então na casa capitular de Turim. Ninguém entendia nada: nem o professor, nem os alunos.



Navegando em pleno oceano Atlântico, cruzamos com o navio “Conte Grande” que regressava à Europa, vindo do Brasil. Houve troca de saudações e de apitos entre as duas embarcações.

Dom Antônio Malan sucedeu-lhe na direção geral da Missão de Mato Grosso. Durante vinte e tantos anos, mesmo depois de prelado de Registro do Araguaia, foi a alma excepcionalmente dinâmica da vida salesiana em nossa inspetoria. Promovido a bispo diocesano de Petrolina, em Pernambuco, tendo deixado definitivamente as terras de Moreira Cabral, veio a falecer aos 28 de outubro de 1931, em São Paulo.

Padre Ernesto Carletti chegou ao Brasil em 1932, como inspetor nomeado para a Inspetoria de Santo Afonso Maria de Ligório. O vazio, deixado por Dom Malan, fora preenchido pela administração de Dom Pedro Massa, do P. Ermenegildo Carrà (1921-26) e do P. Antônio Dalla Via (1927-32). Dom Massa, sucedendo a Dom Malan, permaneceu na chefia da inspetoria apenas dois anos, governando, contemporaneamente, a sede vacante de Corumbá. Com o afastamento de Dom Malan, arrefecera o boom missionário. Declinava o entusiasmo, até romântico, da catequese entre os Bororo. Faltavam as ofertas que o bispo carregava abundantes, especialmente de generosos benfeitores franceses. A primeira guerra mundial cortara a afluência de pessoal vindo da Europa. Os padres Carrà e Dalla Via lutaram com a escassez de salesianos e de recursos. O assassinato do P. José Thannhuber em 24 de agosto de 1920, na Escola Agrícola de Palmeiras, ressoava lúgubre. As homéricas viagens do carro de bois, das tropas de burros a levar mantimentos, agasalhos, implementos agrícolas, cessaram. Rocas, fusos, teares, importados, maquinarias para a lavoura tornaram-se inoperantes e foram desativados. O pessoal das missões estava cansado, ilhado, envelhecido. Os poucos colégios de Cuiabá, Corumbá, Campo Grande e Bonfim travavam lutas inglórias para sobreviverem. Nenhum auxílio podiam oferecer às missões indígenas. Foram anos de incerteza, de desânimo, de abandono.



Dom Luís Lasagna foi o segundo bispo salesiano e fundador da obra salesiana em Mato Grosso. Eleito pelo imortal Leão XIII, foi ordenado aos 12 de março de 1893 na nossa igreja do Sagrado Coração, em Roma. O papa, ao recebê-lo, depois da ordenação, disse-lhe: *“És jovem e exuberante em atividades. É este o motivo pelo qual te escolhemos como bispo. Lá (no Brasil) há grande necessidade de ação; espero que, além do bem que farás, o teu zelo sirva também de exemplo aos outros salesianos para trabalharem eficazmente naquela porção da vinha do Senhor”*.

A vocação de Luís Lasagna desabrochou no ano de 1865 no colégio de Mirabello, onde o jovem estudava. Na festa de São Luís, interpretou a personagem do santo numa peça teatral. Empenhou-se tão profundamente na personificação do ator principal que não pôde resistir ao chamamento de Deus para entrar em nossa sociedade. Aos 11 de janeiro de 1866 emitia os votos trienais. Certa vez, Dom Bosco, observando a capacidade física do clérigo Lasagna, durante animado recreio, ponderou ao P. Garino que o acompanhava: *“Estás vendo Lasagna? Que excelente material para um futuro missionário!”* E Lasagna foi missionário e chefe de missionários.

Seria longo enumerar os trabalhos apostólicos desse extraordinário salesiano na república do Uruguai, do Paraguai e no Brasil. Sua vida, desde o ano de 1876, quando aportou à América, pode-se compendiar nas palavras de São Paulo aos coríntios: *“Impendam et superimpender pro animabus”* (II Cor 12,15). Em 18 de junho próximo, completar-se-ão noventa anos da chegada de Dom Lasagna a Cuiabá, a Ikúia Pá, dos Bororo. Dom Lasagna não pôde colher os frutos da missão que instalara. No ano de 1895, aos 6 de novembro, um impacto frontal com uma composição mista que vinha em sentido contrário, estraçalhava o vagão do trem, posto à disposição do bispo pelo governo de Minas Gerais. A apenas um quilômetro de Juiz de Fora, Dom Lasagna jazia inerte entre os destroços do carro. Faleceram com ele, o secretário, quatro Filhas de Maria Auxiliadora e o foguista da máquina. Os restos mortais de Dom Lasagna descansam agora na cripta do monumento a Nossa Senhora Auxiliadora, erguido no alto de uma colina, no terreno do nosso colégio de Niterói.

Chega o P. Carletti. É um intelectual, um beletrista, formado pela universidade de Turim. Escreve bem, é até dramaturgo, fala elegantemente, com entusiasmo, com amor, lê muito. Nunca ocupara postos executivos dentro da estrutura de nossa sociedade. Fora, é bem verdade, por vários anos, diretor do Oratório Festivo de São José e do Primeiro Oratório Festivo, ambos em Turim, sempre, porém, na dependência dos colégios que anexavam os oratórios. Transferido para a cidade de Ancona, na Itália, como vigário da paróquia salesiana dessa cidade, lá foi surpreendido com a nomeação de inspetor de Mato Grosso. Vivia o mundo uma atmosfera ditatorial: Franco, Hitler, Mussolini, Vargas, Perón, Salazar. Atmosfera que penetrava toda a sociedade civil e religiosa. P. Carletti não foi imune a esse vírus, mas soube usá-lo com prudência, eficiência e imenso coração, 'tanquam arenam quae est in litore maris'. Foi um grande. E, como todos os grandes, nem sempre compreendido. Inteligência privilegiada, personalidade desinibida, às vezes primária, arguta, impulsiva, romântica, não admitia mediocridades, embora as tolerasse. Certa vez, na abertura de um dos capítulos gerais, em Turim, devia preencher um formulário que o identificasse: nome, idade, cargo, proveniência, currículo. Solícito, o distribuidor das folhas quis orientá-lo na feitura do documento que, de per si, não exigia explicações. P. Carletti, com seu constante bom humor e com artificioso cenho, interrompeu-o imediatamente: "Sai, la prima elementare l'abbiamo fatta tutti." O bom superior não sabia disfarçar, ia direto ao assunto, amava seus irmãos, alegrava-se com eles, sofria, derramava lágrimas, rezava e pedia orações pelos que, titubeantes, queriam abandonar a própria vocação.

Goiânia, Bonfim, Lins, Tupã, Araçatuba, Campo Grande, Cuiabá, Lagoa da Cruz viram surgir ou ampliar-se novos prédios, que ele desejava fossem a base econômica das missões.

Dom Malan foi um predestinado

Antonio Malan emigrara com os pais, da Itália, para a cidade de Toulon, na França. Desde a idade de sete anos, queria ardentemente ser padre, mas, tendo em vista as limitadas condições econômicas da família, não ousava manifestar seu desejo, ainda mais que era o mais velho de cinco irmãos. — Quando — escrevia — sabia que algum colega estudava para ser sacerdote, tinha vontade de chorar e dizia comigo mesmo: É inútil pensar nisso! Depois afastava tal pensamento que, porém, voltava insistentemente à minha mente. —

Tal obsessão o acompanhou até a idade de catorze anos. Com quinze anos, empregou-se na nobre e cristã família de Combaud, que, mais tarde, teria sido grande benfeitora de nossa congregação. Essa família foi tão generosa com ele e seus pa-

rentes, proporcionando-lhes excelente conforto, que Malan raras vezes se lembrava do almejado sacerdócio. Ao beirar os vinte anos, ressurgiu-lhe a idéia da carreira eclesiástica. Na adolescência, durante dois períodos inverniais, freqüentara as aulas dos Irmãos das Escolas Cristãs, as quais lhe pareceram insuficientes para entrar num seminário. Como última tábua de salvação, pensou em ingressar na ordem dos capuchinhos. Nada deu certo, porém, porque corriam os anos da expulsão dos religiosos da França. Nesse ínterim, vítima de incertezas e contrariedades, recebeu um ofício do governo italiano exigindo sua presença na cidade de Cúneo para alistar-se no serviço militar. A condessa de Combaud, solícita pelo bem espiritual de seu protegido, sugeriu-lhe que, passando por Turim, visitasse Dom Bosco.



foi a grande novidade do Natal! Aliás é bom que se saiba: os salesianos introduziram o cultivo da videira e a fabricação do vinho no Uruguai.

Continuámos a viagem, chegando, no dia 31 de dezembro a Porto Murtinho. Lá o P. Blandino, pela primeira vez na vida, batizou uma criança. Naqueles tempos a passagem do sacerdote era coisa raríssima. Finalmente, aos 5 de janeiro, ei-nos em Corumbá. Despedimo-nos do comandante e da tripulação do navio “Argentina” e fomos recebidos pelo P. Francisco Czapla, diretor do Colégio de Santa Teresa.

O colégio apresentava-se bem. Era o mais bonito e mais florescente da inspetoria. No mesmo dia da chegada houve o retiro da Boa Morte e o bispo Dom Vicente Priante, que morava com os salesianos, fez a conferência. Quem nos levou a visitar a cidade foi o Félix Zavattaro o qual estava terminando os seus anos de tirocínio.

A missa do dia 6 de janeiro, então dia santo, na antiga capela do colégio, foi festiva. Padre Sobel celebrando, P. Czapla tocando o pistão e P. Audísio, ao harmônio, saturado o “*templo*” com sua estentórea voz de baixo. Na tarde do dia 6 deixámos Corumbá e, no navio Taquari demandámos Cuiabá. Conosco viajavam os padres Czapla, Sobel e Noronha, este diretor eleito de Cuiabá. No dia 15 de janeiro teria início o capítulo inspetorial no Liceu de São Gonçalo, casa inspetorial.

A chegada a Cuiabá

Madrugada de 14 de janeiro de 1934. Estávamos chegando a Cuiabá, ao porto de Cuiabá. Havíamos passado as usinas de açúcar e a lancha soltava triunfante seus longos apitos que ecoavam nas margens do rio, com a galharia das árvores vergando ao peso de passarada canora, de bandos de macacos e as praias coalhadas de jacarés. A noite oferecia um espetáculo deslumbrante ao viajante: a luz do luar e dos faróis da lancha iluminavam os olhos fosforescentes da multidão de jacarés que, deitados na praia do rio, assistiam imóveis à passagem da

Aos 29 de outubro de 1882, pela manhã, chegou à capital do Piemonte e correu logo ao santuário de Nossa Senhora Auxiliadora. Dom Bosco estava terminando a missa no altar dedicado a São Pedro. Ao descer-lhe os degraus, viu uma pequena labareda partir do altar de Nossa Senhora e pousar-se sobre a cabeça de um jovem desconhecido que estava perto, em pé. O santo, parando atrás da balaustrada, reparou nele e, depois, dirigiu-se à sacristia para confessar os meninos. Terminadas as confissões, saiu para o pátio, onde, entre os jovens que o cercavam, lobrigou aquele estranho, que foi beijar-lhe a mão. Ao vê-lo, como se fosse um antigo conhecido, exclama: — Oh! e, imediatamente, falando em francês, o convida: — Vamos ao meu quarto; aqui os jovens não nos dão sossego. — Mas o senhor me conhece? — indaga o jovem, também em francês.

— Sim, vamos. —

Malan entrega-lhe cartas enviadas pela condessa, na quais não se falava da vocação do moço, pois a benfeitora nada sabia a respeito. Dom Bosco, depois de ter lido a correspondência, respondido aos miteres e perguntado ao portador notícias acerca destes, entregou-lhe um santinho de Nossa Senhora, em cujo verso escrevera: “*O Marie, protégez votre enfant Antoine et le conservez dans le chemin du Paradis. Abbé Jean Bosco*”. Em seguida, sempre falando em francês, comentou: — Agora que temos falado de tantas outras pessoas, falemos um pouco de ti. Logo virás morar comigo, não é verdade? — Malan desabou em lágrimas e, a muito custo, perguntou se Dom Bosco tinha falado seriamente. O santo, olhando-o, sorriu e respondeu: — Je dis très sérieusement. —

Resumindo: o rapaz, dispensado do serviço militar, ficou ainda sete meses no castelo da condessa Combaud. Cada dia, ao anoitecer, refugiava-se nos bosques das imediações para rezar aos pés de uma pequena humilde ermida, que abrigava uma imagem de Nossa Senhora. Certa vez, enquanto pedia à Virgem pela sua vocação, viu, novamente, uma pequena labareda que, da mão direita de Maria, vinha a seu encontro. Tendo perguntado a Dom Bosco se devia dar alguma importância ao acontecido: — Sim, sim respondeu ele, pensa nele, lembra-te dele, fica alerta.

Malan, tendo-se desligado das obrigações que tinha com os nobres Combaud, entrou em nossa casa de Navarre para ser salesiano. Non consta que Dom Bosco tenha previsto que esse humilde popular seria, mais tarde, bispo missionário no Brasil, mas tal excepcional preparação nos leva a crer que ela foi o início da extraordinária vida de Antoine Malan.

(Cfr. *Memorie Biografiche*, Vol. XV, págs. 564-69).

um de seus extraordinários momentos. Alarga seu olhar sobre o mundo salesiano e envia, a centenas, os filhos de Dom Bosco. É a época triunfal das grandes expedições missionárias.

A Mato Grosso acaba de chegar, em 1932, jovem ardente, otimista, o P. Ernesto Carletti, como superior provincial. Mal toma pé da situação angustiante e desalentadora, rico de fé, começa a sonhar, a trabalhar, a realizar, esperando, teimosamente, contra toda esperança. A inspetoria terá novamente seu noviciado, seu estudantado filosófico e teológico. “*Mato Grosso* — dizia ele — *vai levantar*”!

Homem admirável, o P. Carletti! À medida que os anos passam e se sucedem os homens, sua figura se agiganta mais e mais!

Em chegando às casas da inspetoria para a visita inspetorial, em geral encontrava cansaço, pessimismo, pobreza e trabalho excessivo. Era a única visita que fazia ao longo do ano, pois as viagens às missões demandavam meses e meses, de caminhão, a cavalo e de barco. Percursos longos e extenuantes de trem, desde Porto Esperança até São Paulo e, de lá, até Goiás.

Cada qual tinha seus problemas, aguardando a solução “*miraculosa*” do padre inspetor! O diretor, especialmente, ansiava pela visita, para expor dificuldades e angústias. O P. Carletti percebia e sentia tudo, nos rostos cansados e tensos que o recebiam, esboçando um tênue sorriso. Reúne a comunidade para a primeira conferência: dá notícias da inspetoria, exaltando o heróico trabalho dos irmãos, relatando pequenos e grandes feitos, que seu coração de pai e sua arte de consumado orador, pintam com as cores mais vivas e atraentes. Depois, entra a falar de Dom Bosco, da sua fé, do seu inesgotável e contagiante otimismo e espírito de sacrifício e de trabalho. E, finalmente, dirigindo seu coração aos irmãos que o escutam embevecidos, louva-lhes a fidelidade, a dedicação, o amor sacrificado e diuturno a Dom Bosco. Sua fé descortina novos horizontes. E, ao término da conferência, todos saem sorrindo, animados, otimistas! E nesse clima começa a visita inspetorial.

P. Ernesto Carletti foi inspetor da Missão Salesiana de Mato Grosso durante mais de quinze anos, de 1931 a 1946.

Faleceu em 6 de fevereiro de 1949 na cidade de Castellamare di Stabia, Itália. Tinha sessenta e um anos, completados no mesmo dia de sua morte.



Grande homem e grande salesiano o P. Carletti! Impetuoso e ardente, com um largo sorriso e um cordial abraço fazia esquecer seus repentes e suas intemperanças verbais. Acima de tudo, perdoava sempre, compreendia todos, e em todos punha um enorme crédito de confiança. Sacerdotes desiludidos, incompreendidos reencontraram a alegria da vida consagrada e a estrada da fidelidade à Igreja e a Dom Bosco, no grande coração do P. Carletti!

E com ele, Mato Grosso “levantou” de fato.

Um velho casarão... Um santo arcebispo salesiano...

Cuiabá era a sede do inspetor. Pouco tempo nela ficava, pois as longas viagens não lhe permitiam paradas. O P. Remetter, secretário “*ab immemore*” despachava a pouca correspondência. Governava a arquidiocese, paupérrima, com um sacerdote diocesano apenas, o santo Mons. Trebaure, Dom Aquino Corrêa. Vigário da catedral e vigário geral era o P. Luís Sutura, que fora inspetor no Oriente e em Portugal. Ele, Dom Aquino, P. Teodoro Kolczycki e Mestre Francisco Arese eram os únicos inquilinos do velho, deserto e primitivo casarão do Seminário da Conceição, o qual, desde os tempos de Dom Carlos, fechara suas portas. P. Teodoro e Mestre Francisco estavam a serviço do arcebispo. Um, secretário e o outro, fâmulos e sacristão da catedral. Mas a grande população do seminário, desenfreadamente prolífica, era composta de morcegos de todos os tipos e tamanhos.

A partir de janeiro de 1934 o Seminário da Conceição abrigaria o noviciado salesiano. Escrevia Dom Aquino aos seus diocesanos: “*No Seminário da Conceição funciona, com efeito, desde janeiro findo, o Noviciado desta Inspeção Salesiana, graças ao zelo e clarividência do Superior, Revmo. Pe. Ernesto Carletti. Como se vê, não é tudo quanto poderíamos desejar e esperar para a nossa veneranda Arquidiocese: quem, todavia, conheça as nossas coisas, não lhe parecerá estranho o júbilo, com que saudamos este novo ciclo, que se inaugura na história do Seminário de Cuiabá*” (Carta Pastoral: “*Um novo ciclo*”). E era

Dom Francisco de Aquino Corrêa numa fotografia de 1935.

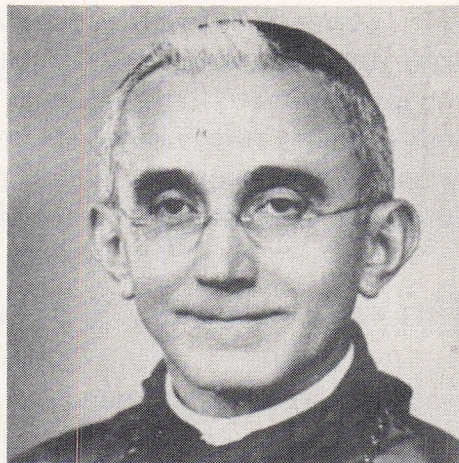
Foi para nós, noviços e filósofos, a figura acabada do salesiano e do sacerdote. Beijando-lhe o anel (era costume daqueles tempos), pela manhã, o cumprimentávamos com um *"Laudetur Christus"* a que ele, com amável sorriso, respondia *"Semper laudetur"*.

Rezava missa todos os dias no altar do Sagrado Coração de Jesus na igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho, ligada ao seminário por uma entrada lateral. Preparava-se a ela com uma meditação de meia hora, servindo-se dos clássicos da ascética cristã, seguida das orações próprias do Pontificale Romanum. A celebração do santo sacrifício era a interpretação perfeita das rubricas. O agradecimento compreendia a ação de graças do Pontificale e as horas menores do breviário. Durante o dia voltava à igreja para completar a reza das horas canônicas.

Seguia à risca o horário do noviciado. Estava conosco nos momentos de recreio, mesmo nos mais breves. Passeando com ele pelos amplos corredores do seminário, aprendíamos muita coisa, filtrada através da argúcia que lhe era peculiar. Certa vez alguém apresentou-lhe um livro de poesias escrito por quem não sabia nada de rimas, métrica e conteúdo, para que ele desse sua opinião. O arcebispo folheou a obra e, com a delicadeza que o distinguiu, concluiu: *"É, o papel é bom"*. Em outras ocasiões propunha à nossa adolescente perspicácia charadas como estas: *"Mari, meri, miri, mori, muri contigit"*, ou, numa mescla de latim e grego, *"Oratote me, o sol, hos deum ágata"*, cuja interpretação deixamos ao exercício mental dos leitores. Citava, com frequência, trechos da *"Ars poetica"* de Horácio que tinha decorado quando estudante no Liceu Salesiano de São Gonçalo. Durante a filosofia costumava saudar jocosamente Constantino De Monte com um dos versos da citada obra: *"De montibus umbrae"*. Constantino não deixou por menos: *"Vou procurar - disse - a poesia e, quando Dom Aquino falar o verso, eu vou continuar"*.

Seria longo enumerar suas virtudes de salesiano e bispo, sua pontualidade ao horário do noviciado, seu pronto silêncio ao toque do sino que marcava o término do recreio. Não se recusava a pregar-nos retiros espirituais, a brindar-nos com conferências para o exercício da boa morte.

Foi nosso professor de língua e literatura portuguesa no segundo ano de filosofia. Com ele aprendemos a apreciar Camões e Vieira, de cujos escritos interpretámos e decorámos longos trechos. Formado pela universidade Gregoriana, soube transmitir-nos com a palavra e com o exemplo o amor à Igreja e à congregação.



mesmo. No Seminário da Conceição, a inspetoria de Mato Grosso viu formarem-se levas e levas de jovens salesianos, que fariam reflorescer a obra salesiana em Mato Grosso, Oeste de São Paulo e Goiás.

A Providência guiava a mente e o coração do P. Carletti. A todos agradou e encheu de esperanças a idéia de instalar o noviciado no Seminário da Conceição. Praticamente, a arquidiocese era salesiana. Não havia outras congregações. A situação sócio-religiosa de então não permitia que um sacerdote isolado permanecesse em comunidades distantes, pobres, sem conforto material e sem nenhum apoio moral. A Chapada, paróquia da arquidiocese, era disso uma triste prova: um sacerdote diocesano, amasiado, com 10 filhos. Os tempos amadureceriam, as comunidades do interior teriam meios de sustentar sacerdotes, a graça e a evangelização fecundariam as almas e, a seu tempo, brotariam vocações para a clero diocesano.

De Gênova ao Rio de Janeiro

Fato digno de nota: no porto, de Gênova despedindo-se de seus missionários que embarcavam no mesmo navio, rumo ao Brasil, estava o P. Orione, hoje declarado santo. Beijamos-lhe a mão, pois grande era sua fama de santidade.

A turma, jovem e internacional, era assim composta:

P. Mário Blandino, mestre de noviços.

Cl. Lourenço Scribante, tirocinante, assistente dos noviços.

Noviços: Alfeu Levorato, 16 anos.

Ângelo Venturelli, 17 anos.

Domingos Vallero, 17 anos, falecido em 1981.

Heitor Arduino, 16 anos, saiu no tirocínio.

Pedro Cometti, 15 anos.

Coadjuutores: Jorge Bombled, belga.

Henrique Praturlon, da Inspetoria Central, falecido em 1983, na Itália.

Há 50 anos éramos assim — 1933 —



Alfeu
Levorato



Ângelo
Venturelli

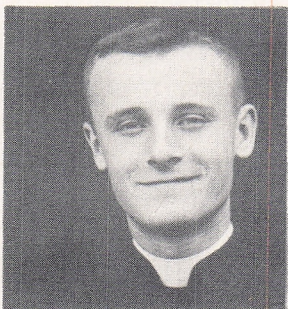


Domingos
Vallero

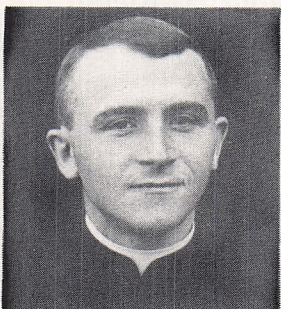


Jorge
Bomble

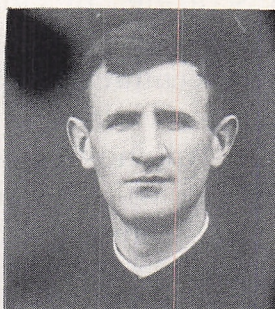
Lourenço
Scribante



Mário
Blandino



Maurício
Laporte



Pedro
Cometti



Filósofos: Constant Houlmont, belga, falecido fora da congregação.
Geraldo Van de Ghinste, belga, sacerdote diocesano, tendo saído da congregação.
Henrique Scholtz, holandês, saiu no tirocínio.
Teodoro Schoold, holandês, sacerdote salesiano na Holanda.
Guilherme Backer holandês, saiu por doença.
Miguel Alagna, italiano, bispo do Rio Negro.

Teólogo: Maurício Laporte, francês, falecido na inspetoria em 1977.

Rio de Janeiro - São Paulo

A receber-nos, no porto do Rio, em 21 de novembro de 1933, estavam os padres Carletti, que não cabia em si pela alegria, Teodoro Kolczycki secretário de Dom Aquino e Paulo Consolini, que fora diretor de Campo Grande. Foi demorada a revisão das bagagens: havia malas, baús, caixas, caixotes e caixões para instalar o noviciado. Finalmente, pela tardinha, chegámos ao Colégio de Santa Rosa de Niterói, recebidos com fidalga cordialidade por aqueles salesianos, tendo à testa o simpático P. Emílio Miotti, figura ímpar de educador salesiano. Lá estava também, velhinho, quase diáfano, sorridente, o P. José Solari, que fora o artista das imagens que até hoje ornaram a fachada da igreja de São Gonçalo, em Cuiabá. Clérigo ainda, viera com os primeiros salesianos a Cuiabá, no longínquo 1895. E o velho teatro ostentou por muitos anos os cenários por ele pintados, autênticas obras de arte, reproduzindo matas e jardins, palácios e salões com perspectiva tão perfeita que dava a impressão de uma real seqüência de colunas em estilo mourisco.

Lá permanecemos uns belos e bons dias, visitámos o Corcovado, o Núncio Apostólico e, na Casa de Saúde de São José, o arcebispo Dom Aquino que

Hoje somos assim

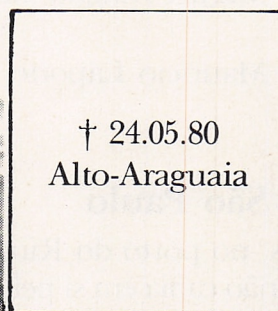
— 1983 —



Alfeu
Levorato



Ângelo
Venturelli



† 24.05.80
Alto-Araguaia

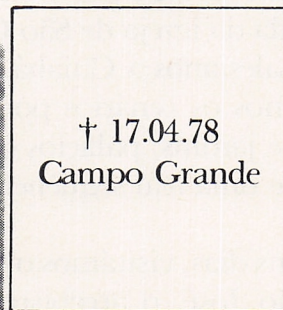


Jorge
Bomble

Lourenço
Scribante

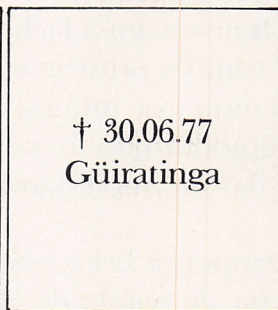


Mário
Blandino



† 17.04.78
Campo Grande

Maurício
Laporte



† 30.06.77
Güiratinga

Pedro
Cometti



convalescia de uma cirurgia. O cardeal Leme não nos recebeu, pois fomos barrados pelos oficiais do paço que, segundo a burocracia daquele tempo, não admitiam uma visita a um príncipe da Igreja sem a competente audiência, previamente marcada e concedida.

Foram belos dias aqueles! Assistimos a uma grandiosa festa de formatura com a presença e o discurso do bispo de Niterói, Dom José Pereira Alves, caboclão, amicíssimo dos salesianos, irradiante simpatia, e um dos maiores oradores do Brasil.

Aconteceram umas boas no Rio. Uma apenas vai transcrita. Fomos de bonde, após o almoço, até a Tijuca, bem no fim da linha, para admirar a exuberante vegetação tropical: em baixo a metrópole fervilhante de vida... a pouca distância, o encanto e o mistério da floresta tropical! A natureza em flor, as águas escachoantes, o clima ameno, tudo nos deslumbrava. Pegámos novamente o bonde, rumo ao centro da cidade e à Praça XV. O pessoal, aos poucos, vai entrando, enchendo o coletivo e, de repente, um dos nossos diz ao P. Carletti: *“Non ne posso piú. Ho bisogno di andare al gabinetto”*. E agora? O que fazer? Parar o bonde com todo aquele povo? P. Carletti foi ao motorista e pediu que parasse um pouco. O *“reverendo”*, sob os olhares inquisidores dos passageiros, procurou uma casa e todos, pacientemente, aguardaram o término do rito. Nós estávamos com a cara no chão. P. Carletti quase ia ter um derrame. Finalmente o *“reverendo”* chegou. Tranquilo, sereno como se nada houvera acontecido. E o bonde continuou a descida da Tijuca.

Deixamos o Rio e fomos para São Paulo. Uma epopéia a viagem: P. Blandino esqueceu os documentos; Cometti perdeu o crucifixo de missionário; algumas malas foram esquecidas no Santa Rosa, mas conseguimos embarcar no trem da Central. Em Lavrinhas, deixámos os filósofos e, entre eles, o Miguel Alagna.

O trem parava em todas as estações e nós queríamos ler os nomes das vilas e



Novembro de 1933, Liceu Coração de Jesus em São Paulo - Grupo dos noviços recém-chegados e aspirantes que o P. Carletti queria levar a Mato Grosso para engrossar as magras e cansadas fileiras de abnegados missionários. Da esquerda, sentados: Coad. Sioli, P. Blandino, P. José dos Santos, diretor do Liceu, P. Carletti, P. Noronha, diretor nomeado do Liceu de Cuiabá, Coad. Raab. Segunda fila: Miguel e Amadeu, aspirantes, Cometti, Vallero, Laporte, Venturelli, Arduino, Levorato. Terceira fila: Coad. Praturlon, Backer, Schoold, Van den Ghinste, Alagna, Scholtz, Hulmond, Coad. Bombled. A fotografia foi tirada pelo fotógrafo oficial do Liceu, Schmidt, cujo carimbo reproduzimos. Naquele tempo, foto, escrevia-se photo, assim como philosophia, pharmacía, theatro, céo, corêa, flôr, aquelle, Tupan, phthisica, phonographo, anno, lyceo. Essa, assim chamada "*orthographia mista*", foi a que estudámos e aprendemos. Mista, porque conservava muitas formas com traços etimológicos, acompanhadas de outras mais próximas de seu valor fonético.

idades para enriquecer nosso vocabulário e os conhecimentos geográficos do Brasil. Cada um fazia questão de ler por primeiro o nome da estação. A um dado momento, eis que se ouve, poderosa e solene uma voz: “*Mais uma estação: Mictório*”, nenhum de nós riu, mas riram a bom rir os que enchiam o vagão.

São Paulo

O Liceu Coração de Jesus era, então, o maior estabelecimento de ensino do Brasil. Salesianos em grande número, um numeroso e procuradíssimo externato, o internato ao qual acorriam alunos de todos os recantos do Brasil. Chegou a ter 800 internos! Baste dizer que lá encontrámos dois alunos internos vindos de Cuiabá: Armando e Pepito Cândia. Fomos recebidos pelo diretor, o boníssimo e amável Padre José dos Santos e pelos salesianos. P. Mário Forgione era o gigantesco conselheiro do internato; P. Fausto Santa Catarina era clérigo assistente, e outros, que longo seria enumerar. Fomos tratados com tanta amabilidade e cercados de tanto carinho que os espinhos da saudade se embotaram e não pungiram mais. Aliás o Liceu abriga uma longa tradição de nobre e generosa hospitalidade que muito honra os salesianos de São Paulo.

Na chácara “*Chora Menino*” funcionava o Instituto Teológico Pio XI. O diretor, P. Hermenegildo Carrà, que fora inspetor de Mato Grosso, nos acolheu com festas e ofereceu um lauto banquete. Lá estavam os teólogos de Mato Grosso: João Hadzinsky, Bruno Mariano, Ludovico Waloszck e lá ficou o nosso companheiro de viagem, Maurício Laporte. Conselheiro escolar dos teólogos era o P. Orlando Chaves o qual viria a ser arcebispo de Cuiabá. Entre os teólogos do primeiro ano, estava Antonio Barbosa, atual arcebispo de Campo Grande.

A longa viagem demandando Cuiabá

Em outubro de 1933, na igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, Dom Aquino, a convite do governo, pronunciara formosa oração por ocasião do “*Te Deum*” em ação de graças pela visita do presidente da Argentina ao Brasil. O

Cuiabá, 1935, 29 de janeiro, festa de São Francisco de Sales. Grupo por ocasião de nossa primeira profissão depois do noviciado. Nele estão presentes também os noviços de 1935-36, alguns filósofos vindos da Europa e visitas chegadas de São Paulo. Da esquerda, sentados: P. Gal-



busera, P. Blandino, P. Carletti, D. Aquino, P. Sutura, P. Müller, P. Forgione; segunda fila: Astraukas, Lippert, De Monte, Tomes, Vallero, Levorato, Cometti, Galotta, Corazza, Cavallon, Com. De Camillis, Faresin, M.e Veriato; terceira fila: Zambon, Gufler, Jacó Goedert, Turchi, Panarotto, Castoldi, Pombo, M.e Arese, Tassarolo, Saksida, Borrini, Alpi, Vaigel, Bruno, M.e Botto. Venturelli bateu a foto.



1935 - Cuiabá, Liceu de São Gonçalo. Grupo de salesianos e noviços das casas de Cuiabá, por ocasião da ordenação sacerdotal dos padres Higino Fasso e Pedro Heisel que ladeiam respectivamente, os padres Carletti e Sutura, sentados.

discurso causara admirável impacto na opinião pública e, particularmente, no presidente Getúlio Vargas. Data dessa ocasião a simpatia e admiração que o presidente devotava a Dom Aquino.

Getúlio Vargas perguntou-lhe o que desejava como recompensa da magnífica peça oratória. E o arcebispo, que estava com a alma repleta de alegria ao receber no velho e deserto Seminário da Conceição a primeira turma de noviços, pediu que fosse custeada pela União a mesma viagem que haviam feito os primeiros missionários vindos a Cuiabá no longínquo 1894.

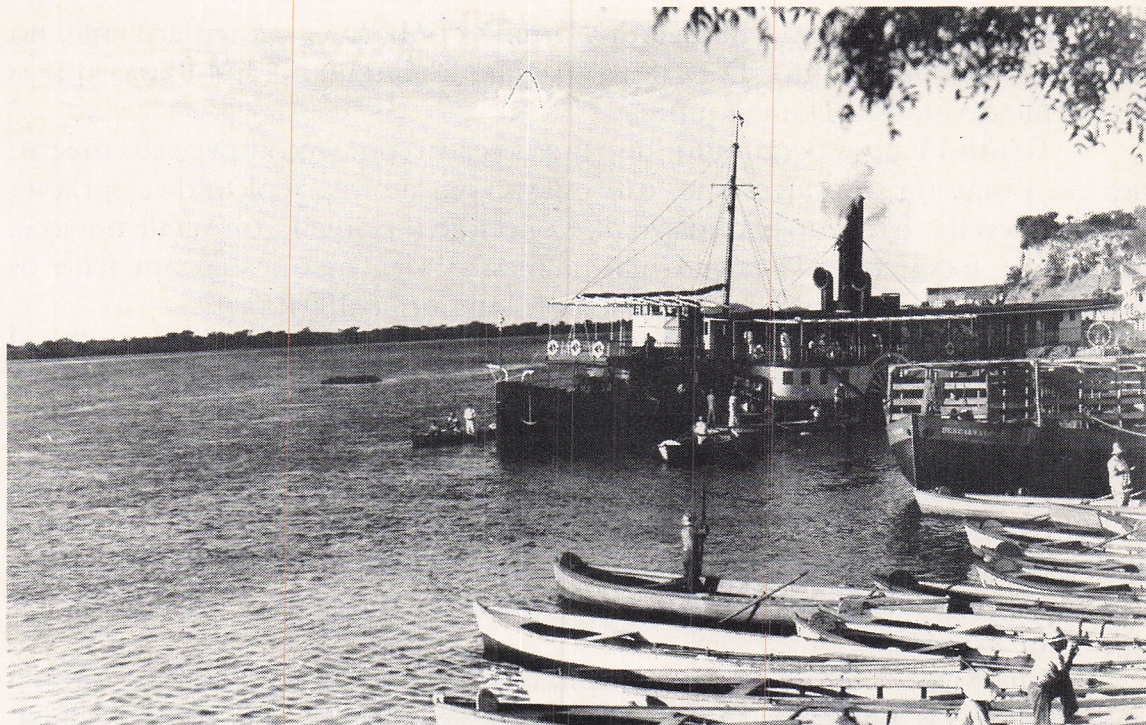
E assim, com o padre inspetor, a turma de noviços foi costeando o Brasil, meridional no “*Santos*”, navio de cabotagem, e chegou a Montevideú.

Montevideú - Rosário - Assunção

Fomos regamente hospedados no Colégio “Luís Lasagna” em Villa Colón, ocupando o pavilhão da Casa de Retiro dos salesianos. O monumento a Mons. Lasagna, o templo gótico dedicado a Maria Auxiliadora, a amabilidade dos irmãos, a vida salesiana estuando em várias obras florescentes na capital, nos deixaram atônitos.

Em Manga, escola agrícola, aspirantado e noviciado, passámos um dia inesquecível. Os salesianos viviam ainda os exemplos e a vida do P. Gamba, patricarca e pai, que marcara profundamente as pessoas e as obras de Dom Bosco. A cordialidade dos salesianos e sua alegria, aliada a um extraordinário dinamismo, quer no Brasil, quer no Uruguai, nos impressionaram sobremaneira. Foi aqui que saboreámos o primeiro chimarrão.

Iniciámos a Novena do Natal em Montevideú e a continuámos no navio que, sulcando as águas do Prata, nos levou a Rosário, onde pernoitámos na casa salesiana, e a Assunção, no Paraguai. O colégio, pobre mas simpático, hospedou-nos carinhosamente. No pátio, durante o recreio da noite, os irmãos sentados em círculo, com o bispo salesiano de Concepción, Dom Sosa, papeavam cordialmente, passando a cuia de mão em mão e de boca em boca.



1947 - Porto de Corumbá sobre o Rio Paraguai. Assim o vimos quando aportamos aos 5 de janeiro de 1934. Ancorado, destaca-se o navio Fernandes Vieira que fazia o percurso Corumbá - Porto Esperança, então ponto final da Noroeste do Brasil.

Era o tempo da guerra do Chaco Paraguaio. A capital não tinha homens nem rapazes: todos estavam na guerra. Os serviços urbanos eram desempenhados por mulheres. A pobreza, o calor, a falta de homens, o colégio transformado em hospital de sangue nos impressionaram. Seguimos viagem pelo rio Paraguai rumo a Porto Murtinho.

Natal a bordo

Cantar os cantos natalinos em pleno mês de dezembro, no rio Paraguai, com um calor sufocante e ondas intermináveis de mosquitos, era mui pouco poético. P. Blandino quase se esvaiu, vítima de feroz desidratação. Nós, com pesadas batinas pretas, colarinho impermeável apertando o pescoço, roupas grossas, suávamos e afastávamos desesperadamente os pernilongos, atraídos e fascinados pelo jovem sangue europeu.

Numa salinha do navio, à meia noite, P. Carletti rezou a missa do Natal. Apertados ao redor do altar, nós e a tripulação assistíamos à Missa do Galo, nas águas barrentas do Paraguai, cantando, sem nenhuma convicção: "*Al freddo e al gelo*"... Fora combinado que, na hora da consagração, tocaria o gramofone, instrumento antidiluviano que o P. Blandino recebera, já usado, no Oratório de Turim. Todos de joelhos recolhidos e saudosos, o P. Carletti aguardando o início da música para pronunciar as palavras da consagração. E o encarregado, Arduino, não conseguia fazer funcionar a relíquia. Finalmente o P. Carletti, suando em bica e já nervoso diz: "*Viene o non viene?*" Como por milagre começa a "*Ave Maria*" de Gounod que, mal e mal, espalhava suas notas, em meio ao chiado impertinente do velho disco de 78 rotações e pela vitrola de corda, digna de um museu de antiguidades. Era Natal, o primeiro Natal longe da Pátria e dos parentes. Mas em tudo havia poesia, também no suor, nas muriçocas, ferozes, na saudade que marejava os olhos perdidos em contemplar as águas turvas e impetuosas do rio Paraguai... Em Rosário os bons salesianos nos haviam doado um tonel e algumas garrafas do delicioso vinho "*Spina Christi*" feito pelos próprios irmãos. E o vinho



Corumbá - Foi assim que vimos pela primeira vez uma casa salesiana de nossa inspetoria. Era o prédio principal do Ginásio Salesiano de Santa Teresa.

Abrigava a capela, as salas de aula, o dormitório dos internos, seu estudo, o observatório meteorológico, a biblioteca e os quartos dos salesianos. O santuário,

cujá torre se vê à esquerda, existia apenas nos alicerces que deveriam ter recebido um edifício bem menor. A igreja, como está atualmente, deve-se à iniciativa do P. Miguel Alagna. O antigo "*Santa Teresa*", de saudosa e tradicional memória, foi demolido há vários anos. Acharam-no periclitante e inadequado às novas exigências pedagógicas.

P. Francisco Czapla (recorte) era o dinâmico diretor do colégio, na pujança de seus quarenta e poucos anos. Recebeu-nos com o calor humano que enriquece os filhos da nobre Polônia. Proporcionou-nos visita à cidade, ao porto, ao hidravião da Condor, de seis lugares, que percorria o trajeto Corumbá - Cuiabá, uma ou duas vezes por semana, se bem lembramos. Ele e o P. Audísio pretendiam organizar um museu de zoologia. O teatro fora transformado em laboratório de taxidermia: havia galos, jacarés, sucuris, onça pintada, aves, todos em fase final de empalhamento. Não obstante a boa vontade dos improvisados taxidermistas, as personagens do futuro museu exalavam um odor que mais se aproximava ao de um sarcófago mal tratado do que ao sabão arsenical que as deveria ter conservado à admiração das futuras gerações...

A pele da onça, recheada com serragem, sem a necessária estrutura de arame e gesso que reproduziria o animal vivo, parecia um odre; a sucuri ostentava enormes dilatações, como se voltasse de lauto banquete... Mas o que valia era o entusiasmo, a dedicação, o trabalho feito à margem das obrigações das aulas, até altas horas da noite, da assistência carinhosa, do apostolado. Naqueles tempos não havia rádio nem televisão para ocupar (?) os salesianos.

foi a grande novidade do Natal! Aliás é bom que se saiba: os salesianos introduziram o cultivo da videira e a fabricação do vinho no Uruguai.

Continuámos a viagem, chegando, no dia 31 de dezembro a Porto Murtinho. Lá o P. Blandino, pela primeira vez na vida, batizou uma criança. Naqueles tempos a passagem do sacerdote era coisa raríssima. Finalmente, aos 5 de janeiro, ei-nos em Corumbá. Despedimo-nos do comandante e da tripulação do navio “Argentina” e fomos recebidos pelo P. Francisco Czapla, diretor do Colégio de Santa Teresa.

O colégio apresentava-se bem. Era o mais bonito e mais florescente da inspetoria. No mesmo dia da chegada houve o retiro da Boa Morte e o bispo Dom Vicente Priante, que morava com os salesianos, fez a conferência. Quem nos levou a visitar a cidade foi o Félix Zavattaro o qual estava terminando os seus anos de tirocínio.

A missa do dia 6 de janeiro, então dia santo, na antiga capela do colégio, foi festiva. Padre Sobel celebrando, P. Czapla tocando o pistão e P. Audísio, ao harmônio, saturado o “*templo*” com sua estentórea voz de baixo. Na tarde do dia 6 deixámos Corumbá e, no navio Taquari demandámos Cuiabá. Conosco viajavam os padres Czapla, Sobel e Noronha, este diretor eleito de Cuiabá. No dia 15 de janeiro teria início o capítulo inspetorial no Liceu de São Gonçalo, casa inspetorial.

A chegada a Cuiabá

Madrugada de 14 de janeiro de 1934. Estávamos chegando a Cuiabá, ao porto de Cuiabá. Havíamos passado as usinas de açúcar e a lancha soltava triunfante seus longos apitos que ecoavam nas margens do rio, com a galharia das árvores vergando ao peso de passarada canora, de bandos de macacos e as praias coalhadas de jacarés. A noite oferecia um espetáculo deslumbrante ao viajante: a luz do luar e dos faróis da lancha iluminavam os olhos fosforescentes da multidão de jacarés que, deitados na praia do rio, assistiam imóveis à passagem da

21.11.83 - Coxipó da Ponte. Reunimo-nos nessa casa, segundo noviciado da inspetoria, para agradecermos a Deus nossos cinquenta anos de Brasil, numa singela comemoração. Da esquerda: Levorato, Venturelli, Cometti, Scribante Bomble. Sentado, o incomparável P. Czapla vivendo, com alegria, seus noventa e três anos. A ele, de modo todo especial o nosso carinho e orações.



22.11.83 - Coxipó da Ponte. Até nossos queridos arcebispos quiseram prestigiar-nos. Presidindo a concelebração, deram-nos o que de melhor podíamos esperar: exemplo e carinho. Da esquerda, em pé:



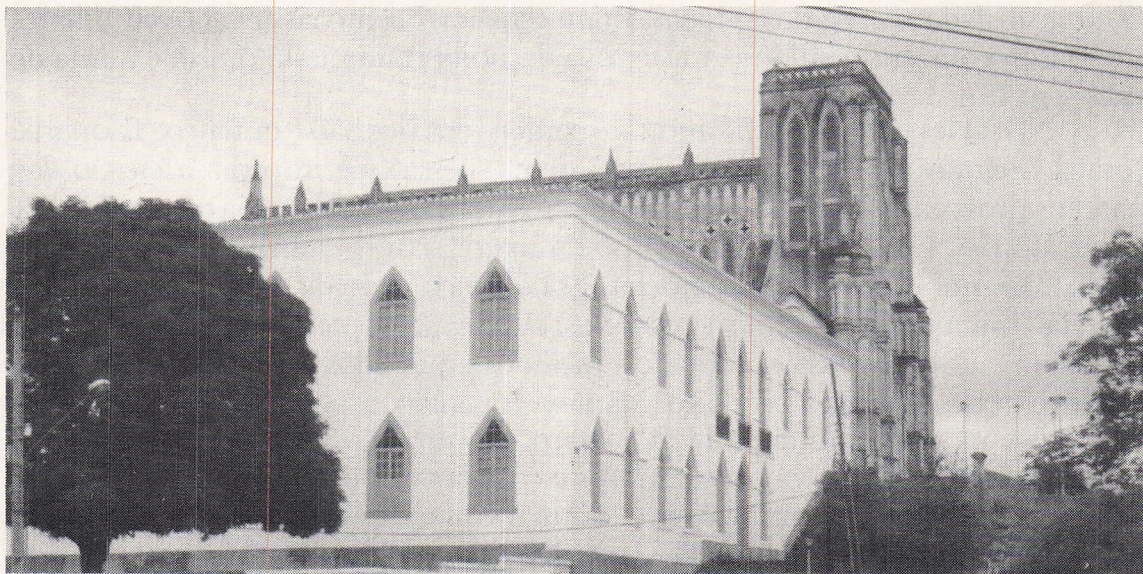
D. Bonifácio Piccinini, arcebispo de Cuiabá; P. José Winkler, inspetor; D. Antonio Barbosa, arcebispo de Campo Grande; P. Luís Leal, diretor da casa; P. Ariento Domenici, diretor do Colégio de São Gonçalo; P. Francisco Czapla. Um agradecimento cordial ao padre inspetor que, para não privar-nos de sua presença, teve de modificar sua agenda. Ao P. Luís, além de nossa gratidão, os parabéns pela competência com que dirige o apirantado e pelo ambiente salesiano que soube edificar entre os alunos.

“*Taquari*”, ladeada por duas chatas. Eram centenas e centenas de olhos cintilantes que transformavam o silêncio misterioso da noite numa festa originalíssima de luzes sem fim.

Naqueles tempos, há 50 anos, as margens dos rios São Lourenço, Taquari e Cuiabá ostentavam uma mata luxuriante e espessa que impedia a erosão das margens provocada pelas chuvas. Profundas eram as águas e a areia não entulhava o leito do rio. Com exceção do tempo da maior seca, as lanchas chegavam até Cuiabá. E como era esperada a lancha! Era o único meio de transporte de então; com ela vinham o correio, as mercadorias, chegavam os passageiros, poucos, que imediatamente eram vistos, contados, medidos e julgados pela moçada que, ao primeiro apito se dirigia ao porto. Não existia então, a ponte Júlio Müller.

Na radiosa manhã de 14 de janeiro, domingo, o porto estava repleto de gente. Os salesianos, o povo, os curiosos e curiosas que desejavam ver a turma de italianos que chegava para reabrir o seminário. Descemos da Taquari e nos dirigimos a pé ao colégio, sob os olhares indiscretos e admirados de jovens e velhos. Batina preta, chapéu preto, éramos uma “*invasão de padrecos*”. Vinham conosco os padres que tomariam parte no capítulo inspetorial. Enquanto desembarcávamos, um rapaz mais afoito, ao ver aquele desfile de negras batinas não se conteve e exclamou: “*Quanto urubu*”. O P. Noronha, que vinha cansado da viagem, saudosos de São Paulo que abandonara para vir a dirigir o Liceu São Gonçalo de Cuiabá e que não devia estar na hora mais alegre de sua vida, lançou ao ousado dois olhares furibundos e disse em voz alta: “*Urubu depenado é você!*”

O Liceu São Gonçalo nos acolheu com imensa cordialidade e pobreza. Funcionava o internato para aprendizes necessitados e um florescente oratório festivo. Pobres as instalações, paupérrima a mesa, bem equipadas as oficinas funcionando em barracões humildes. Entretanto os trabalhos de marcenaria, sapataria, tipografia, encadernação e alfaiataria eram por todos apreciados. De vez em quando o Liceu fazia uma bela exposição que atraía sobre os salesianos e os jovens alunos a admiração e a simpatia das autoridades e da população.



Cuiabá - Seminário arquidiocesano da Imaculada Conceição, hoje desativado. É uma sólida construção de dois pisos, erguida em taipa com trabalho escravo. Nele fizemos o noviciado e cursámos dois anos de filosofia. Tombado como patrimônio nacional, aguarda a ação do governo para ser completamente restaurado e transformado em museu de arte sacra. Atualmente, acolhe os altares barrocos da antiga Sé. Ao fundo, a inacabada igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho.

O Liceu era mesmo pobre. Aliás estava passando por uma fase difícil e nem diretor havia. O P. José Noronha viera de São Paulo a insistentes convites do P. Carletti. Mas ao inteirar-se da situação da casa, ao deparar com aquele conjunto de pobreza não salesiana, mas franciscana — dos tempos de São Francisco — não teve coragem de assumir a direção e voltou para a sua inspetoria. O velho e santo P. Salvetto, que era o prefeito da casa, respondeu pela direção do Liceu durante todo o ano de 1934.

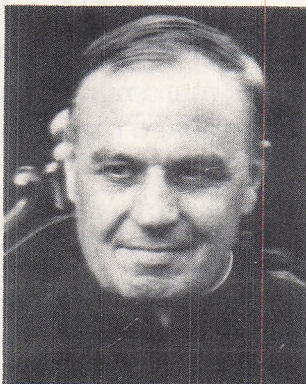
A refeição matutina consistiu em chá mate, pão e bananas embalados pela alegria comovida dos salesianos que, nos recém chegados, entreviam o luzir de nova esperança e de nova vida. No santuário, inacabado, houve a exposição do Santíssimo com a bênção. Depois fomos ao seminário. No Liceu ficaram o Mestre Bombled, que seria o fiel, inteligente e dedicado auxiliar do P. Remetter no Observatório Meteorológico, e Henrique Praturlon, mestre de marcenaria, no lugar do velho Mestre Visetti, emérito marceneiro e mestre de banda, o qual iria visitar os parentes na Itália.

No velho seminário nos aguardava o P. Luís Sutura, vigário geral e da catedral. Seria o nosso diretor. Mestre Francisco Arese, sorridente e meigo, fâmulos do arcebispo, seria o provedor do noviciado. Já havia dois noviços nos aguardando: o P. Oswaldo Sérgio Lobo, do clero de Goiás, jovem, de muitas letras e edificante pela sua humilde observância, e o Fernando Lippert Van Ooteghen, vindo anos antes da Bélgica, trazido por Mons. Couturon.

À noite, voltámos ao Liceu onde, em nossa honra, houve uma representação teatral. O prefeito da capital, Dr. João Ponce de Arruda, e outras autoridades lá estavam. Todos queriam ver os jovens clérigos chegados da Itália. O salão, com piso de tijolos, paredes de barro, cadeiras de ferro do tempo dos bandeirantes, estava abarrotado de pessoas. E nós, cansados da viagem, sem entender o português, ferrámos num sono solto, enquanto os artistas se esmeravam no palco. Quando Deus quis, terminou o espetáculo e nós voltámos ao seminário.



Paulo, no Liceu Coração de Jesus, vítima de derrame cerebral que o deixou em estado de coma durante sete meses.



P. Luís Sutura, vigário-geral e pároco da catedral, foi nosso diretor durante o noviciado. Pelo acúmulo de suas atribuições, pode-se perceber a escassez de pessoal que reinava em nossa inspetoria, há cinquenta anos. De vez em quando íamos conversar com ele que aproveitava a oportunidade para corrigir nossas levandades de adolescentes e transmitir-nos a amabilidade e o sorriso salesianos. Nas “boas noites” comunicava sua longa experiência e o espírito de Dom Bosco que recebera filtrado através do P. Rua, com quem privara por muitos anos. Foi a figura clássica e fidalga das primeiras gerações de salesianos.



Francisco Arese, como nós o conhecemos há cinquenta anos. Mordomo de Dom Aquino, sacristão da catedral era nosso provedor, despenseiro, amigo. Exemplo acabado de religioso salesiano. Não fosse repetir um lugar comum, poderíamos afirmar que era uma criatura angelical. Nada para si, tudo para os outros. Alegre, dentro dos cânones do bom tom e do espírito de Dom Bosco. Algazarra desenfreada, risadas descompassadas, falar alto, atitudes que muitas vezes queremos identificar com a doçura de São Francisco de Sales, não marcaram seu estilo de vida. Foi salesiano-noviço entre noviços... pré-conciliares.

O Seminário da Conceição

O Seminário da Conceição, iniciado por Dom José Antônio dos Reis, primeiro bispo de Cuiabá em 1831, foi concluído por Dom Carlos Luís d'Amour no ano de 1882. Mais de meio século depois. Naqueles tempos era o melhor estabelecimento de ensino e nele tiveram sua formação humanística as maiores e melhores personalidades do Estado. Nele se formaram umas duas dezenas de sacerdotes do clero diocesano. Mas com a guerra do Paraguai e a peste da bexiga que matou, em 1869 e 1870, quase a metade da população, começou seu declínio. Dos doze padres da capital, seis faleceram da epidemia. O advento da república arrebatou aos padres o "status" e a cônica. O seminário esvaziou-se e os padres foram desaparecendo. Aliás os exemplos mui poucos edificantes de vários deles foram decisivos para a diminuição das vocações. Dom Aquino o qual, desde menino vivera essa angustiante situação, várias vezes se referia a isto.

Em 1881 e em 1883 Dom Carlos pediu a Dom Bosco que enviasse salesianos para a direção do seminário. Não podendo ser atendido, recorreu aos lazaristas os quais, de fato, chegaram em 1890 e somente ficaram até 1893.

Dom Carlos fixou residência no seminário e lecionava francês. Já não era casa de formação mas simplesmente um estabelecimento de ensino. Com 10 anos, em 1895, o menino Francisco de Aquino Corrêa ingressou no seminário frequentando-o, como externo, durante quatro anos. Com 12 anos já lecionava francês no mesmo seminário. Quanta inteligência! E que espantosa carestia de professores.

Os franciscanos da Terceira Ordem de Albi moraram no seminário que foi simplesmente residência, cúria e sede do jornal "*A Cruz*". De 1907 até 1934 permaneceu fechado como casa de formação. Era, pois, compreensível o júbilo do arcebispo e do povo católico ao ver reaberto o Seminário da Conceição. Esperanças de melhores dias iluminavam o futuro da arquidiocese.



Nós, os noviços de 1934-35, no jardim do seminário em Cuiabá. Da esquerda, sentados: P. Blandino, mestre dos noviços, P. Sutura, diretor do noviciado, Cl. Scribante, assistente. Em pé: Vallero, Lippert, Cometti, P. Lobo, Levorato, Venturelli, Arduino. Dos sete noviços, apenas um não continuou na congregação. Houve, portanto, uma perseverança de 85,7%.

O noviciado

Não eram lá tão más as instalações do nosso noviciado. O dormitório, no andar superior, com piso de tábuas, pé direito de quase seis metros, cobertura de telha-vã e enormes janelas de madeira maciça, era amplo e arejado. Não tínhamos camas; usávamos catres, de lona, sem colchão. Nos poucos dias de frio, às vezes intenso, forrávamos o catre com papel de jornal.

Hóspedes do nosso dormitório eram os morcegos. Durante o dia dormiam dependurados no madeiramento do telhado, ao abrigo da luz e do barulho. Infelizmente, deixavam nossos catres alcatifados de numerosos presentes, vindos do alto. O remédio era cobri-los com o providencial papel de jornal todas as manhãs. Ao anoitecer, uma revoada imensa saía do dormitório e os quirópteros cediam-nos o lugar.

Instalações higiências não existiam dentro do prédio, nem no andar térreo, nem no superior. Devíamos descer, atravessar o pátio e demandar cubículos preistóricos, sem luz e sem água. No meio do jardim, por nós muito bem cuidado, havia um algibe e cada um enchia sua lata de água para o banho e asseio.

A alimentação era pobre, paupérrima, e, com o clima tropical ao qual não estávamos acostumados, levando uma vida mais que espartana, nossas reservas de adolescentes iam minguando a olhos vistos e emagrecíamos assustadoramente.

Felizmente a Santa Casa estava próxima e, nela, havia um anjo que era a diretora Irmã Regina Ársego, de santa e saudosa memória. Uma ou duas vezes por semana, ela vinha oferecer conosco a missa na igreja de Nossa Senhora do Bom Despacho. Reparava nos nossos rostos pálidos e macilentos e enviava remédios, fortificantes, manteiga e frutas. Justo é que nesta data cinqüentenária seu nome seja lembrado com gratidão, carinho e saudade. Foi ela a nossa mãe, discreta, silenciosa, atenta e dedicada.

Não vá alguém pensar que éramos uns coitadinhos morrendo de fome.



22.11.83 - Cuiabá. Santa Casa de Misericórdia, fronteira ao Seminário da Imaculada Conceição. Nela, a diretora, Ir. Regina Arsego (foto), cuidava dos jovens noviços com dedicação de mãe, fornecendo-lhes remédios, alimentos e carinho.

22.11.83 - Cuiabá - Algumas das irmãs que trabalham atualmente na Santa Casa. Ir. Santina, primeira à esquerda, estava nesse hospital durante o nosso noviciado. Queremos consignar aqui nossos agradecimentos e estima a todas as Filhas de Maria Auxiliadora da inspetoria que, com seu exemplo e suas orações, contribuíram eficazmente para a perseverança e o crescimento de nossa vocação.



Apesar de enfraquecidos, limpávamos diariamente todo o vasto casarão, a igreja que, então, tinha o piso de tijolos. O jardim fora dividido em canteiros e cada um cuidava do seu. O do saudoso Domingos Vallero era o mais viçoso.

Após o almoço tirávamos o colarinho de celulóide que nos martirizava o pescoço e fazíamos animadas partidas de vôlei ou de bochas. Às quintas feiras, de chapéu preto, íamos dar nossos passeios pelo sertão e, uma vez por mês, nos dirigíamos ao Coxipó para tomar banho no rio, então de águas cristalinas, cercado de viridentes matas. Íamos e voltávamos a pé e chegávamos para a visita ao Santíssimo Sacramento que era feita tradicionalmente, antes do almoço. Mas era uma visita custosa para nós, suados, esfalfados pela longa caminhada e de estômago vazio.

O então irmão coadjutor José Raab, algumas vezes por semana, vinha do Liceu São Gonçalo e nos dava aulas de piano: Venturelli, Vallero e Cometti eram os alunos. O Fernando, bom pianista que era, acompanhava os cantos na igreja. Muito nos valeram as aulas de piano! Os três fomos mestres de canto nos colégios e, tantos anos volvidos, parece-nos ainda ouvir os corais de alunos, que às centenas, enchiam as nossas casas de harmonias.

As festas tradicionais eram celebradas com entusiasmo: havia sessões acadêmicas e representações teatrais. Éramos sete noviços, e todos ocupados no teatro, na música, no palco, em tudo, afinal. E os assistentes? Eram o arcebispo Dom Aquino, o vigário geral P. Sutura, P. Teodoro e o Mestre Francisco. E o nosso entusiasmo, nossa animação eram tão grandes como se perante imenso auditório estivéramos.

Certa vez, na festa de Maria Auxiliadora, foi representada uma peça do Padre Solari: "*O Anjo da guarda*". Três eram as personagens: o anjo, interpretado por Vallero, de asas e coroa. O tentador era o Arduino e o menino bom, só poderia ser o Alfeu! Primeira cena: o menino bom deitado e protegido pelo anjo que com ele conversa. O anjo inicia um longo monólogo com as mãos estendidas sobre o menino que dorme no chão. Termina a fala e o menino nada de responder... Após um longo e angustiante silêncio, o anjo tomou uma iniciativa pouco angelical: deu um pontapé no adormecido menino, o qual, espantado, pois estava dormindo de



1935 - Férias na segunda casa de noviciado da inspetoria, no Coxipó da Ponte, logo depois da profissão religiosa. Da esquerda: Cavallon, Lippert, Arduino, Levorato, Zambon, Tomes, P. Galbusera, Cometti, Laporte, Valle-

ro, Hadzinski, Venturelli. Cavallon, Zambon e Tomes eram filósofos recém chegados da Europa. Todos abandonaram a congregação. Laporte e Hadzinski, teólogos, vinham do "*Chora Menino*" de São Paulo para continuarem os estudos em Cuiabá. P. Galbusera, tio materno do P. Albisetti, era diretor da casa. Agachado, Astrauskas, professor de filosofia, formado na Gregoriana. Deixou a nossa sociedade.



1935-1936 - Férias na Colônia Indígena do Sangradouro, depois do primeiro ano de filosofia. Piquenique, a cavalo, a uma nascente de água fresca e cristalina, conhecida como *Olho d'Água*". P. Car-

letti, chegando a Cuiabá um mês antes do término do ano letivo, impressionado pelo nosso lastimável estado de saúde, mandou suspender as aulas e fazer os exames finais no dia seguinte, enviando-nos, depois para dois meses de descanso nas missões. Da esquerda: Cometti, Vallero, P. Albisetti, Venturelli, Zambon, Arduino, Faresin, Tomes, Levorato. P. Albisetti, diretor da casa, nos acolheu e tratou principescamente, pondo a nossa disposição a fartura da produção agrícola e animal, coadjuvada por um clima ameno e por exercícios de natação, duas vezes por dia, no rio que banha a missão.

verdade, esbugalhou olhos e boca, como sabe fazer o nosso Alfeu.

Nunca tínhamos festejado São João. Naqueles bons tempos, os céus de Cuiabá, durante o mês de junho, eram sulcados por dezenas e dezenas de balões e as madrugadas ressoavam com as notas festivas da banda que acompanhava os festeiros para as Missas de São João. O Venturelli, o mais criativo e habilidoso, inventou de armar um enorme balão. Como?... Após muito pensar e discutir, arranhou, com arame, um grande arcabouço, uma espécie de zepelin, sobre o qual seria colado o papel de seda. Era uma tarde quente. Feita a armação, fez o Cometti sentar-se sobre um alto, bem alto tamborete e, em cima da cabeça dele, descendo pelo corpo, assentou o esqueleto do famigerado balão. E, perante a atenta assembléia dos colegas que sonhavam com o aeróstato sulcando trêmulo e luminoso os céus, começou a revesti-lo com papel... O resignado noviço, durante umas duas horas ficou embaixo daquela papелagem toda, suando em bicas, mas tudo suportando por amor ao balão de São João, o qual, até hoje, com nosso grande desapontamento, não conseguiu subir! Chegando adolescentes para Mato Grosso, assimilámos facilmente língua e costumes e fácil nos foi amar a terra, sua gente e a ela dedicar nossa vida.

Os que nos acompanharam... e já se foram.

A bondade paciente e humilde do P. Mário Blandino nos acompanhava sempre. Discreto, piedoso, era o mestre de noviços, no estilo antigo, que dava à casa uma atmosfera de serena paz. P. Luís Sutura, que fora inspetor no Oriente e em Portugal, era vigário geral da catedral e nosso diretor. Pouco o víamos, mas era exemplo acabado de salesianidade, de cura de almas. Mestre Francisco era a bondade feita gente, sempre solícito e sorridente. Nunca parava e sua vida era servir, com delicada alegria, todos e sempre.

Mas a alma do velho casarão e do noviciado era o arcebispo Dom Aquino. Sua piedade e sua amabilidade iluminavam e enriqueciam o velho seminário. Seu maior prazer era estar conosco, brincando, conversando, ensinando, edificando.

Cuiabá, 1935, 29 de janeiro, festa de São Francisco de Sales. Grupo por ocasião de nossa primeira profissão depois do noviciado. Nele estão presentes também os noviços de 1935-36, alguns filósofos vindos da Europa e visitas chegadas de São Paulo. Da esquerda, sentados: P. Gal-



busera, P. Blandino, P. Carletti, D. Aquino, P. Sutura, P. Müller, P. Forgione; segunda fila: Astraukas, Lippert, De Monte, Tomes, Vallero, Levorato, Cometti, Galotta, Corazza, Cavallon, Com. De Camillis, Faresin, M.e Veriato; terceira fila: Zambon, Gufler, Jacó Goedert, Turchi, Panarotto, Castoldi, Pombo, M.e Arese, Tessarolo, Saksida, Borrini, Alpi, Vaigel, Bruno, M.e Botto. Venturelli bateu a foto.



1935 - Cuiabá, Liceu de São Gonçalo. Grupo de salesianos e noviços das casas de Cuiabá, por ocasião da ordenação sacerdotal dos padres Higino Fasso e Pedro Heisel que ladeiam respectivamente, os padres Carletti e Sutura, sentados.

Voavam as horas em sua companhia e ele, ao tocar do sino, cortava a palavra pelo meio e se retirava. Em tudo e sempre era o mais observante dos noviços. Boas noites, conferências, sermões, eram por nós ansiosamente aguardados. Sua simplicidade e sua nobreza, sua cultura e sua piedade, sua bondade paciente e inalterável nos traziam, viva e palpitante, a figura de São Francisco de Sales.

O P. Carletti, ao chegar das longas viagens pela inspetoria e pelas missões, vinha imediatamente ver-nos. Era uma festa, sua tão esperada visita! Nuvens e problemas dissipavam-se como a neve ao sol. Levava-nos ao salão do arcebispado e lá, na maior familiaridade, cantávamos, brincávamos e ouvíamos as notícias da inspetoria da qual éramos os caçulas. Mestre Francisco distribuía um cálice de vinho de missa importado de Canelli, com o qual comemorávamos a chegada do padre inspetor. Morreu de derrame cerebral, longe da sua amada inspetoria, dos seus salesianos que estremecia. Creio que o bom P. Carletti não resistiu às saudades de Mato Grosso e o seu grande coração parou de bater. Sua lembrança, porém, acompanha, dia a dia, nossa caminhada de meio século, com ele iniciada.

Epílogo

Cinquenta anos são passados! Dom Aquino, P. Carletti, P. Sutera, P. Teodoro, P. Blandino, P. Laporte, Mestre Francisco, Domingos Vallero, já entraram na eternidade.

Nosoutros, Alfeu, Venturelli, Cometti, Bombled, Fernando, P. Lobo e o assistente P. Lourenço, estamos revivendo os cinquenta anos da chegada ao Brasil e os bons tempos do noviciado, no velho Seminário da Conceição, repletos de anos, de trabalhos e de saudades. E alongando os olhos pela estrada percorrida, agradecemos a Deus o que em nós e por nós operou de bem para a Igreja de Mato Grosso e para a nossa inspetoria.

Cuiabá, outubro de 1983.

1935-36. Férias na colônia indígena do Sangradouro, preparando-nos para o banho no rio.

Da esquerda, agachados: Vallero, Cometti, Levorato, Arduino. Em pé: Venturelli, Panarotto, Faresin (assistente), Cavallon, Tomes.



1935-36. Férias no Sangradouro. Visita ao cemitério da missão onde descansam salesianos e Bororo.

Da esquerda. Venturelli, Zambon, Arduino, Arese, Levorato, Faresin, Panarotto, Cometti, Vallero, Cavallon. Os jovens Bororo eram alunos internos.

Até aqui, a incomparável verve do P. Cometti. Poder-se-ia perguntar por que e para que esta publicação. Porque com a vinda dos noviços e salesianos em 1933, a inspetoria “ha dato una svolta”, deu uma guinada, no dizer do P. Carletti, da esteira que, fatalmente, levaria a inspetoria à inanição e a uma lenta e irreversível agonia. Não é merecimento nosso: “Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam”. Fomos apenas simples e limitados instrumentos da clarividência de nossos superiores e da infinita bondade de Deus. Ao contemplarmos a vitalidade de nossa inspetoria, suas inúmeras e gigantescas obras, os irmãos empenhados em levar adiante a plantinha que semeámos, ora esgalhada em ubérrimos ramos, os da terceira idade agradecemos ao Pai a missão que nos reservou e o carinho com que nossos sucessores nos afagam, servos inúteis que somos. E para que as novas gerações não mereçam a enérgica reprovação do filósofo George Santayana: “Those who cannot remember the past are condemned to repeat it”, aqueles que não sabem lembrar-se do passado, estão condenados a repeti-lo. A repeti-lo, com seus erros, com suas inúteis quimeras, redescobrimo aquilo que, há anos, foi descoberto, novos Colombos em novas Américas. A repeti-lo, esquecidos das linhas mestras de nosso sistema educativo, da “amorevolezza” para com todos, ricos e pobres, adolescentes e adultos, da assistência cordial, amiga. Dessa “amorevolezza”, sinal incofundível de Dom Bosco, nosso fundador e pai.

*Campo Grande, 8 de janeiro de 1984,
Epifania de Nosso Senhor.*

P. Ângelo Venturelli



P. Alfeu Levorato nasceu na Itália em 1917. Entrou no aspirantado de Castelnuovo Don Bosco em 1929. De nossa turma de noviciado foi o salesiano que ocupou o cargo de diretor por mais tempo: vinte anos, distribuídos pelos colégios de Güiratinga, Lucélia, Corumbá, Alto Araguaia e, novamente, Güiratinga. Se

vigorassem ainda os padrões do antigo necrológio, nossos sucessores leriam: *Fu direttore per vent'anni...* Ocupou todos os cargos de nossa sociedade: conselheiro, catequista, prefeito, vigário coadjutor e, agora, reitor do santuário de Nossa Senhora Auxiliadora de Cuiabá. Notabilizou-se pela firme administração, especialmente nos tempos em que a economia das casas equilibrava-se na criteriosa poupança de mingados cruzeiros. Soube, com o otimismo que sempre o caracterizou, superar situações críticas que lhe amarguravam a existência e que ele ocultava com um inato bom humor.



P. Ângelo Venturelli é brasileiro, nascido aos 24 de fevereiro de 1916 em Sanremo (a cidade do “*Festival de Sanremo*”, onde cantou Roberto Carlos), na Costa Azul, Itália. Cometti, Levorato e Vallero fizeram o aspirantado nas casas de Castelnovo Don Bosco e Bagnolo. Venturelli, na de Ivreia. Destinado ao noviciado de Villa Moglia, por ser filho único, órfão de pai falecido na primeira guerra mundial, recebeu convite do P. Carletti, seu antigo diretor no Primeiro Oratório Festivo de Valdocco, para vir a Mato Grosso. E veio.

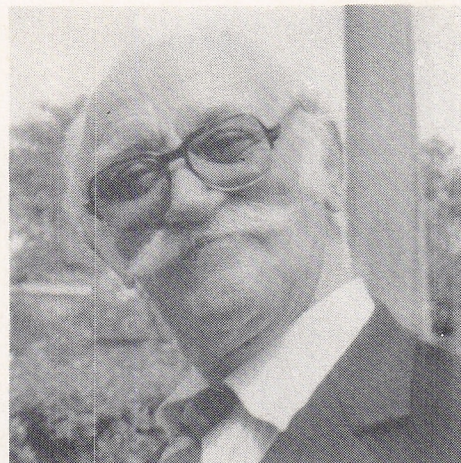
Na segunda metade do terceiro ano de tirocínio, foi surpreendido com ordem do padre inspetor que o convidava a preparar-se para os exames vestibulares na Universidade Gregoriana, onde cursaria teologia. Estounada a segunda guerra mundial, não só teve de renunciar à Gregoriana, mas fez um quarto ano de tirocínio, conseqüência de uma carta do P. Carletti que lhe solicitava imitar o oferecimento espontâneo de seus três companheiros dispostos a permanecerem nas casas por mais um ano. Quando os qua-

tro se encontraram para os exercícios espirituais, todos haviam recebido missiva semelhante e não tinham feito nenhuma oferta espontânea... Fora um inocente expediente do padre inspetor para suprir a falta de pessoal nos colégios.

Venturelli, assistente e professor, trabalhou em Bonfim, Corumbá, Ponta Porã, Goiânia e Campo Grande, onde, atualmente, é adido ao serviço do arcebispo auxiliando-o na administração da Rádio Educação Rural e da tipografia do Jornal do Comércio. Como conselheiro e catequista foi demonstrado — assim afirmava o P. Guido Barra — que não tinha qualidades para exercer esses cargos e muito menos os de prefeito e diretor, opinião com que ele concorda perfeitamente. Durante mais de vinte anos foi “*encarregado*” do Museu Regional Dom Bosco, fundado pelo P. Félix Zavattaro. Nessa função não realizou muita coisa, a não ser organizar milhares de fichas descritivas do acervo do museu, preservar e numerar todos os objetos e coletar peças bororo, xavante, tucano e aharaiibo. Superintendeu, obedecendo a ordem superior, a quatro mudanças da sede do museu.

Ocasionalmente fundou a Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras, da qual foi seu primeiro vice-diretor, no exercício de diretor, durante vários anos. Dizemos ocasionalmente, porque a honra da fundação deveria caber ao P. Félix Zavattaro, naquele ano ausente de Campo Grande. É professor aprovado de antropologia na faculdade que fundou e na “*Auxilium*” de Lins. Trouxe para Campo Grande, e anexou à faculdade, o “*Instituto de Idiomas Yázigí*”, agora em mãos leigas porque outrora julgado não rentável. Fundou o Conselho Indigenista (CIMI) do qual foi seu primeiro presidente nacional. Demitiu-se da presidência por não ter condições de presidir um organismo cujos membros desvirtuavam sua finalidade. Esta, no pensamento do fundador, deveria ter sido o preparo especializado de missionários nos campos antropológico, teológico e técnico. Proferiu vários cursos sobre cultura bororo no Museu de Arte de São Paulo (MASP), na Universidade de São Paulo (USP), na Faculdade Auxilium de Lins, na Universidade Católica de Pelotas, RS. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Sociedade de Belas Artes do Rio de Janeiro, do Conselho Estadual de Cultura de Mato Grosso do Sul. Por dois períodos foi membro titular do Conselho Indigenista da FUNAI. Escreveu com o P. César Albisetti a Enciclopédia Bororo. Prossegue na publicação dos textos dos cantos festivos da tribo, que constituem a segunda parte do terceiro volume da enciclopédia, até que Nosso Senhor lhe dê vida e energias.

O Coad. Jorge Bomble é brasileiro, nascido na Bélgica. É o coadjutor salesiano com as características que todos desejamos ver num filho de Dom Bosco: apaixonado trabalhador, piedoso, educado, afável, cordial, bem humorado, políedrico, apostólico. Seus cinquenta anos de Brasil são uma história de múltiplas atividades. Em chegando a Cuiabá, foi logo posto ao lado do saudoso P.



Remetter, diretor do *Observatório Meteorológico Dom Bosco*. Com ele permaneceu trinta e três anos. Depois de sua lamentável morte, continuou, por quase dois anos, o meticoloso trabalho de observações diárias, com magníficos gráficos, resumindo dados quinzenais, mensais e anuais. Aos domingos e dias santos descansava, trabalhando no Oratório Festivo, cuja direção o P. Remetter acumulava com a do observatório. Aulas de catecismo, assistência no pátio, no teatro, organização de quadros de futebol, controle da presença dos oratorianos, organista, são algumas facetas de seu repouso. Durante a semana encontrava tempo para lecionar desenho aos aprendizes e, até, para substituir o professor de matemática. Atuante na banda de música, no coral, no teatro, onde se distinguiu em várias peças, teve seu máximo desempenho como General Álvares em *“Heróis hodiernos”*. Por breve tempo foi transferido para Güiratinga e Poxoréu. Confessa-nos, em sua humildade: *“Era mais moço, era mais ativo, mas de caráter impulsivo, defeito cuja marca ainda conservo”*. Transcorreu também três anos em Roma, como intérprete de língua portuguesa, nas catacumbas. *“Mas verdade é que nunca me esqueci de pertencer à inspetoria de Mato Grosso e por isso voltei a ela”*, afirma com entusiasmo. Em vista de sua meticolosa publicação de dados referentes às longas e ininterruptas atividade do observatório meteorológico, foi convidado a trabalhar na Universidade Federal de Mato Grosso.

Atualmente, no Patronato de Santo Antônio de Coxipó, dedica parte de seu precioso tempo ao serviço de meteorologia do Centro de Ciências Agrárias (CCA) da citada universidade. Por ocasião das singelas comemorações de nosso cinquentenário, vimo-lo trabalhar no quarto dessa inimitável fibra de sacerdote salesiano que é o nonagenário P. Czapla, para que o querido ancião não sentisse o peso do isolamento e da solidão. Tal atitude não entra no horário dos homens e nem no de Bomble. Quem a registra é Deus.



P. Lourenço Scribante nasceu na Itália. Foi exemplar assistente em nosso noviciado. Homem de estudo, tem profundos conhecimentos em vários ramos do saber: inglês, latim, grego e hebraico. Recebeu a ordenação sacerdotal em 8 de dezembro de 1940, na cidade de São Paulo. Tem como útil hobby a pintura

que executa com rara habilidade, usando poucos recursos. Dentro da antiga taxonomia, foi catequista, conselheiro e prefeito. Professor preparado e metódico, lecionou em nossos colégios nos tempos em que não se media o trabalho, até altas horas da noite, sempre pontual à meditação da 5h30. Nos anos de 1944 e 1945, prestou, com responsabilidade e amor, o serviço de mestre de noviciado, na Chácara São Vicente, em Campo Grande. Pró-vigário em 1941, na cidade de Três Lagoas, exerce, atualmente, o mesmo trabalho na paróquia de São João Batista de Güiratinga. A ele a homenagem carinhosa de seus antigos assistidos.



P. Pedro Cometti é brasileiro, nascido na Itália em 6 de janeiro de 1918, na cidade de Fossano. Recebeu a ordenação sacerdotal pelas mãos de D. Francisco de Aquino Corrêa, em Cuiabá, no dia 25 de fevereiro de 1945.

Durante o tirocínio, foi professor e assistente no internato do Colégio Dom Bosco de

Campo Grande (1937-1940). Distinguiu-se, como sacerdote, em vários postos de responsabilidade: encarregado dos ex-alunos em Campo Grande (1948-49), onde organizou linda e funcional sede; fundador do colégio de Araçatuba (1980); secretário de D. Aquino (1951); diretor do colégio de Lins (1960-61) e de Tupã (1962-64); ecônomo inspetorial (1965-67); inspetor da Missão Salesiana de Mato Grosso (1968-70).

É professor do 1º. e 2º. ciclo, registrado em francês, português e história. Lecionou na Faculdade Auxílium de Lins e na Universidade Federal de Mato Grosso.

Publicou obras de real valor: *“Dom Aquino Canta o Brasil”*, *“Amor em Pedacinhos”*, *“Amar Não É Tão Fácil”*, *“Biografia dos Salesianos Defuntos”*. Conhecido, dentro e fora da congregação pelo seus dotes de inteligência e coração, continua em plena atividade como vigário-geral da arquidiocese de Cuiabá, fundando e impulsionando obras de vasto alcance social e religioso.

Esta publicação é cortesia da
Tipografia do Jornal do Comércio,
de propriedade da
Arquidiocese de Campo Grande.

Diagramação e arte final:
Bernardino de Nazareth

Fotocomposição:
Maria Auxiliadora Ramos

Fotolitos e chapas:
Rosely Salete do Nascimento

Impressão offset:
Paulo Ramos Pedroza

Acabamento:
Rubens Espinosa e
Noêmia Luís da Silva.

